

# Sidney Rezende



e-mail: [informe@odia.com.br](mailto:informe@odia.com.br) | [www.odia.ig.com.br/colunas/informe-do-dia](http://www.odia.ig.com.br/colunas/informe-do-dia)

Com participação de:  
**SABRINA PIRRHÔ**

**ENTREVISTA** LAERTE BRENO, EDUCADOR

# ‘Fechar escolas e bibliotecas por si só já deveria ser crime’

Qual o segredo para o sucesso de estudantes pobres e favelados passarem no vestibular contra todas as apostas em sentido oposto? Nesta entrevista, teremos a resposta. No Complexo da Maré, jovens professores universitários atuam na Associação UniFavela, um dos três cursos de pré-vestibular do conjunto composto por 17 favelas, que tem um total de 140 mil habitantes. Presidente da instituição criada em 2018, o educador Laerte Breno é estudante de Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pesquisador em segurança pública e literatura marginal, além de ativista dos Direitos Humanos, pode-se dizer que é um vitorioso. Ele resolveu preparar a garotada para conquistar uma vaga na universidade. “O trabalho não é fácil. Todos dias é uma luta diferente. Mas aos poucos vamos nos consolidando dentro da favela da Maré. Um trabalho em equipe que hoje fez possível, por exemplo, nos tornar uma ONG. Deixamos de ser projeto e somos oficialmente uma ONG! Mas as conquistas não podem parar, afinal a educação é libertadora”, disse. Negro, o presidente da UniFavela contou ainda sobre um episódio de racismo e preconceito por ser da Maré. “Eu fui convidado para dar aula. Ao chegar lá, a mãe da estudante, ao me ver, disse: ‘É você que vai dar aula?’. Foi tudo com tom de humilhação e desprezo”, relata.

■ **Como nasceu sua paixão pela educação e como você se tornou professor de estudantes que vivem nas comunidades?**

● Costumo dizer que não escolhi ser professor, a Maré que me escolheu. Tudo começou quando fazia parte de um pré-vestibular aqui dentro da favela também. Conseguia ter certa familiaridade no conteúdo de linguagens e sempre passava o meu conhecimento para os meus colegas. Foram nesses encontros que pensei “A minha vida é dar aula”.

■ **Conte como foi a primeira vez que um jovem te pediu ajuda para estudar?**

● Foi exatamente quando estava numa biblioteca da Maré, e já fazendo parte da faculdade de Letras pela UFRJ, uma moradora que estava se preparando para a UERJ pediu uma ajuda. Foi nesse momento que o pré-vestibular que fundei se iniciava. Pensei comigo mesmo: “se posso ajudar uma estudante da Maré, também posso ajudar dezenas da Maré”.

■ **Qual o seu segredo para despertar a paixão pelo conhecimento que levou tantos jovens a passar no vestibular?**

● Não acredito que o professor desperte conhecimento no estudante. O que temos que fazer é valorizar o conhecimento que ele já carrega dentro de si. É exatamente isso que faço, afinal todo conhecimento é uma porta para ideias e diálogos importantes.



**O amarelo da bandeira do Brasil não significa riquezas da nação, mas é um amarelo da fome”**



ANTOINE BREAK

■ **Além da pobreza, da fome e das dificuldades das famílias, agora temos a pandemia. Como superar isso e levar jovens até a universidade?**

● Pobreza, fome e miséria não são novidades. A pandemia apenas acentuou isso. A diferença agora é que estamos morrendo por minuto. Estamos sem ar. Me entristece saber que até agora não demos um passo para frente e a cada dia estamos vivendo um retrocesso. O amarelo da bandeira do Brasil não significa riquezas da nação, mas é um amarelo da fome.

■ **As escolas formais fechadas trazem quais dificuldades para o aprendizado da juventude da periferia?**

● Fechar escolas por si só já deveria ser um crime, assim como fechar bibliotecas. Acontece que muitos estudantes não têm o aparato para desfrutarem do ensino à distância (EaD). Além disso, o problema em si não é o EaD. Isso é recurso pedagógico ótimo, mas o problema é justamente a exclusão tecnológica que dificulta alunos favelados de assistirem a um vídeo.

■ **O ensino particular é mesmo superior ao oferecido pelo poder público?**

● Infelizmente não se pensa educação no país. Quem deveria estar

pensando faz questão de ignorar e usa terno e gravata e está bem confortável numa sala com ar-condicionado. Enquanto continuarem ignorando, vai ter criança baleada indo para escola e aulas suspensas por conta de tiroteio. Por isso, sigo fazendo o meu trabalho por aqui, para amenizar os impactos que o próprio poder público ignora propositalmente.

■ **Ser negro, favelado e morar na periferia é um obstáculo intransponível para quem escolheu estudar e crescer no Brasil?**

● Ser negro e favelado não é obstáculo, mas os direitos que deveriam ser ofertados a nós que são. O nosso direito de ir e vir, o direito de respirar, de moradia e saneamento básico sequer chegam em nós.

■ **Você já sofreu algum preconceito por ser negro e se apresentar como professor?**

● Já tive uma experiência na Barra da Tijuca, bairro nobre do Rio. Eu fui convidado para dar aula. Ao chegar lá, a mãe da estudante, ao me ver, falou “É você que vai dar aula?”. A coisa piorou quando eu disse que moro na Maré. “Você mora na favela e conseguiu entrar na universidade?”. Foi tudo com tom de humilhação e desprezo. Nunca mais voltei.



**O investimento na educação é a longo prazo”**

■ **Como tem sido o trabalho na UniFavela para manter o jovem estudando?**

● O trabalho não é fácil. Todos os dias é uma luta diferente. Mas aos poucos vamos nos consolidando dentro da favela da Maré. Um trabalho em equipe que hoje fez possível, por exemplo, nos tornar uma ONG. Deixamos de ser projeto e somos oficialmente uma ONG. Mas as conquistas não podem parar, afinal a educação é libertadora.

■ **Um dos objetivos do UniFavela é contribuir para a emancipação da população favelada. Como a educação pode contribuir nisso?**

● A educação não só contribui para isso, mas fortifica e evidencia a necessidade de pensarmos ela como instrumento benéfico para as próximas gerações. O investimento na educação é a longo prazo, os resultados não são de imediato, mas precisam ser colocados na mesa, caso contrário, os dias de hoje serão ainda mais severos num amanhã próximo.

■ **Atualmente, o UniFavela conta com quantos professores colaboradores?**

● A UniFavela começou com dois educadores inicialmente e hoje somos uma família grande, cerca de 38 voluntários com único propósito: favelizar todo e qualquer espaço.

## O DIA Online As mais lidas

Flávio Bolsonaro  
parabeniza Polícia Civil  
por ‘eliminação do  
miliciano Ecko’.RIO DE  
JANEIRO, P. 3

Plataforma  
de streaming é a mais  
nova patrocinadora  
do Flamengo.  
ESPORTE

Interceptações telefônicas  
de Ecko e esposa ajudaram  
operação que resultou  
na morte do miliciano.  
RIO DE JANEIRO, P. 3

O DIA

A QUALQUER HORA,  
EM QUALQUER LUGAR.

Aponte a câmera do seu celular para o  
QR Code abaixo.

